

“Uma causa perdida”

CAMPINAS (Sucursal) — O bispo de São Félix do Araguaia, d. Pedro Casaldáliga, disse ontem, ao participar de um debate, ao lado do cacique xavante Mário

Juruna, no Centro de Convivência Cultural, que os indígenas e os próprios índios “lutam por uma causa perdida, porque os índios não enfrentam apenas a Funai, e

o presidente da República, mas sim o sistema”. Numa alusão ao caso do padre italiano Vito Miracapillo, comentou que “o problema que temos, agora,

não é só o do padre expulso. Veja-se o problema do indígena: hoje, os grandes estrangeiros neste País são exatamente os índios, expulsos de suas terras”.



Nem todas as tribos se mantêm agrupadas como esta; no Brasil, há 30 mil índios destribalizados.

Índios brasileiros são 187.801, segundo o Cimi

MANAUS (Do correspondente) — A atual população indígena do Brasil é de 187.801 pessoas, das quais 30.000 são destribalizadas, segundo levantamento feito pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi) divulgado em Manaus. A pesquisa abrangendo as sete regiões de atuação do Cimi, aponta que a maior concentração de indígenas se verifica na região Norte-1 (Amazonas-Roraima), onde vivem 72.026 índios. Dos 30.000 destribalizados, 10.000 estão em Manaus.

A região Norte-1 também apresenta o maior número de grupos indígenas — 58. O grupo Tucuna, em São Paulo de Olivença-Tefé (AM) é o que possui maior população — 15 mil índios — vindo a seguir a tribo Macuxi de Boa Vista (Roraima) com 12.740 membros.

No setor Acre-Rondônia estão concentrados 24 grupos e o que possui maior população é a tribo Caxinawá, localizada em Sena Madureira com 2.035 indígenas do tronco linguístico Pano.

A região Norte-2 (Amapá e Pará) apresenta 26 grupos. O maior deles é o Mundurucu, com 3.637 indígenas, no trecho Maues (Amazonas) — Itaituba (Pará).

A região formada por Maranhão-Goiás, conta com 12 grupos. A maior população se concentra no distrito Grajaú, no Maranhão, na tribo Guajajara com 5.500 índios.

Já na região Leste-Nordeste, que conta com 25 grupos, a maior tribo é a Potiguara, localizada na Baía da Traição, no Estado da Paraíba, com 3.500 membros.

A tribo Caingang, com 4.080 membros é a maior da região Sul (São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Os indígenas estão concentrados nas localidades de

Santo Augusto, Miraguaí, T. Portela e Nanaol.

Finalmente, no Mato Grosso, há 37 grupos. A maior população é a da tribo Terena, com 10.300 membros, no distrito de Miranda, município de Aquidauana, no Mato Grosso do Sul.

CRÍTICAS

Ao divulgar esses dados, o jornal “Porantim” criticou o recenseamento feito pelo IBGE junto aos indígenas, afirmando que ele não segue nenhum critério específico para mostrar a situação real desses povos. O recenseamento do IBGE exclui toda e qualquer pergunta sobre o nível de organização dos índios, seu regime de propriedade coletivista, sua economia e sua relação de parentesco — fatores que, segundo o Cimi, são importantes para se traçar o quadro real da situação dos indígenas.

O delegado do IBGE no Amazonas, José Wagner Rebouças Lins, admitiu que não existe no órgão “nenhum critério específico no recenseamento dos aborígenes” (aborígenes, segundo o Cimi, é uma expressão inadequada utilizada apenas pelo IBGE).

TABELA

De acordo com o levantamento do Cimi, a população indígena está assim distribuída:

1 — Acre-Rondônia	10.490
2 — Roraima-Amazonas (parte do Estado)	72.026
3 — Pará-Amapá	10.716
4 — Maranhão-Norte de Goiás	9.578
5 — Mato Grosso (Norte e Sul)	33.052
6 — Leste-Nordeste	32.554
7 — Sul	14.405
Total	182.801
Grupos Arredios	15.000
Destribalizados	30.000
Total geral	227.801

Relatórios denunciam à ONU extermínio na América Latina

Esterilização de índias, discriminação racial aguda, colonialismo cultural, roubos de riquezas, direitos negados, pobreza, miséria, toda sorte de exploração, assassinatos, invasões de seus territórios, doenças, escravidão. Estes são alguns dos principais males que afligem aos 85 milhões de índios existentes na América Latina, segundo informações do Conselho Mundial dos Povos Índios e do International Work Group for Indigenous Affairs.

Relatórios dessas entidades reconhecidas na ONU atestam que “o índio da América Latina está virtualmente submetido a um constante processo de extermínio, sendo vítima de genocídio e ainda caçado e morto a pauladas como se fossem animais”.

SITUAÇÃO

Em números, a situação dos índios na América Latina é assim indetificada:

Peru — Dezesseis milhões de pessoas, 14 milhões de índios. A grande maioria camponesa, sem acesso a escolas e com poucos direitos. Dos quatro milhões de desempregados do país, 90% são índios, morando em locais miseráveis nas periferias de algumas cidades. O Movimento Índio Peruano pretende organizar-se politicamente, mas está dividido em facções.

Bolívia — Oito milhões de habitantes, seis milhões e meio de índios. A maior parte das crianças índias morre antes de completar um ano. Os adultos atingem, no máximo, 50 anos. Há o Movimento Índio Tupac Katari, com mais de 100 mil filiados.

Equador — Oito milhões de pessoas, cinco milhões e meio de índios, que tiveram suas terras tomadas pelos grandes proprietários.

Chile — Há um milhão e 200 mil índios, principalmente Mapuches. O Serviço de Assuntos Índios atua mais em favor dos grandes proprietários. Há miséria e más condições de saúde.

Paraguai — Três milhões de habitantes, 90% de índios a maioria usados nas lavouras quase como escravos e qualquer movimento de emancipação é subjugado.

Argentina — População de 28 milhões. Um milhão e 200 mil índios. Terras usurpadas e direitos não reconhecidos oficialmente. Inúmeras nações da Patagônia estão virtualmente extintas, a exemplo dos Yamanas, Guma Kenas, Vilelos e Onas. Os índios são a mão-de-obra mais barata do país.

Colômbia — A situação atual dos 300 mil índios é “crítica”, pois estão à mercê dos invasores de terras, doenças e assassinatos. Recentemente 19 índios foram assassinados e tiveram seus corpos queimados por fazendeiros que alegaram desconhecer que “matar índio é um crime”. Índios são vendidos como escravos para trabalhos em seringais. Há um Movimento — o CRIC — cujos líderes foram assassinados com outros 45 índios encarcerados e torturados, enquanto outros desapareceram.

Venezuela — Quatrocentos mil índios divididos em 34 grupos, numa população total de 14 milhões de pessoas. Muitos morrem em lutas para preservar suas terras que latifúndios tentam tomar. Contrabandistas, traficantes e fazendeiros tentam exterminá-los.

Guatemala — A importante organização indígena Xeljuj denuncia a inquietação total do povo Maia, afirmando que a esterilização das mulheres, a discriminação racial, o colonialismo cultural, o massacre dos índios em Panzós existe em larga escala. A organização lembra ainda que o governo não permite aos índios de Quetzaltenango ter seu próprio governo. Os assassinatos de índios continuam.

Brasil — População de 120 milhões de habitantes. Estima-se a existência de 200 mil índios. Nos últimos 480 anos, a população indígena brasileira foi dizimada. Noventa por cento das terras indígenas são invadidas com a complacência oficial. No Brasil os principais inimigos dos índios são “o grande capital financeiro, o latifúndio, as grandes empresas madeireiras, as grandes fazendas agropecuárias, as construções de estradas dentro de suas reservas e as empresas de mineração que buscam riquezas minerais em seu território”. C.A.L.

Uma “trágica situação” em MT

CUIABÁ (Do correspondente) — Um documento denunciando a “trágica situação” de vários grupos indígenas do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul foi divulgado ontem, nesta capital, pelos bispos, superiores religiosos, coordenadores de pastoral e representantes de presbíteros dos dois Estados, que estiveram reunidos na 19.ª Assembléia Anual Regional do Extremo-Oeste da CNBB. Abaixo, as principais denúncias.

“Guarani/Kaiowá — Na região da “Grande Dourados”, cerca de dez mil índios sobrevivem em pequenas porções de terras, num total de aproximadamente 18 mil hectares. Preocupa-nos a recente transferência arbitrária e injustificada da comunidade Kaiowá.”

“Kadiweu — E igualmente grave a situação do povo kadiweu na região da Serra Bodoquena. Outrora, um povo forte e guerreiro, hoje, reduzido a aproximadamente 500 pessoas. Donos de uma propriedade em torno de 400 mil hectares, recebida em recompensa pela participação, ao lado do Brasil, na guerra do Paraguai, vivem hoje confinados em parte de seu território.

“Nanbikwara — O Vale do Guaporé é o tradicional território de vários grupos indígenas denominados genericamente de Nanbikwara. Esse território localiza-se a Noroeste do Estado de Mato Grosso. A maioria desses grupos está em contato intermitente, principalmente com as grandes fazendas da região. No início do século, as estimativas em torno da população desses grupos eram de dez mil pessoas; hoje, são somente 570.”

“Karajá — Igualmente exige providências a alarmante situação dos índios Karajá, da ilha do Bananal, onde é promovido e incentivado o turismo e permitida pela Funai a entrada de posseiros, os quais já são em torno de seis mil famílias.”

Ao final do documento, depois de renovar o apelo feito pelo papa João Paulo 2.º no contato com os índios, em Manaus, os participantes da 19.ª Assembléia Regional do Extremo-Oeste da CNBB fazem um “apelo aos órgãos oficiais competentes para que os povos indígenas tenham seus direitos respeitados, suas terras devolvidas e demarcadas e não sejam fechadas as portas de um futuro melhor para seus filhos”.